

O nascimento e a consolidação da imprensa informativa em Minas Gerais

RESUMO

A imprensa informativa foi tardia em Minas Gerais. Somente em 1866, a província teve seu primeiro jornal informativo, o Diário de Minas, publicado em Ouro Preto, que na época era a capital. Foi o primeiro periódico com caráter empresarial e que fugiu do publicismo. No entanto, ele recebia apoio financeiro e apoiava grupos políticos. No início se apresentava como órgão do Partido Liberal. Quando o Partido Conservador chegou ao poder, passou a representar este partido. Com a volta do Partido Liberal ao poder, em 1878, o jornal entrou em crise financeira. A imprensa informativa mineira vai se consolidar somente em 1885, com o jornal Pharol, de Juiz de Fora. A partir daí, Juiz de Fora se tornou o centro da imprensa mineira. Somente na década de 1930, a nova capital Belo Horizonte ocupou essa posição, fazendo com que o Estado chegasse a fase de Nelson Werneck Sodré denominada de Grande Imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: História da imprensa. Minas Gerais. Imprensa mineira. Imprensa informativa.

Jairo Faria Mendes

jairo.faria@hotmail.com

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil.

INTRODUÇÃO

Este trabalho mostra o processo de nascimento e consolidação da imprensa informativa em Minas Gerais. Por imprensa informativa, entende-se uma fase da imprensa posterior à imprensa publicista e panfletária. Na fase da imprensa informativa os jornais se organizam como empresas e a informação se torna mercadoria, e não simplesmente um palanque para grupos políticos.

O primeiro periódico informativo da província é o Diário de Minas, criado em Ouro Preto, em 1866. Ele dura 12 anos, e entra em crise pelas suas ligações políticas. Isso mostra que a imprensa, mesmo não sendo publicista, continua tendo ligações com o poder. Em Juiz de Fora, a partir de meados da década de 1880, a imprensa informativa vai se consolidar.

Apesar da capital ser Ouro Preto, nesse período Juiz de Fora torna-se o centro econômico da Província, em razão da produção de café e de sua industrialização. Depois com a construção da nova capital e seu crescimento, a partir da década de 1930, Belo Horizonte torna-se o centro da imprensa do Estado.

AS FASES DA IMPRENSA MINEIRA OITOCENTISTA

Sodré (1999) divide a imprensa brasileira do século XIX em quatro fases: a imprensa colonial (1808-1822), a imprensa publicista (1822-1840), a imprensa informativa e literária (1840-1889) e a grande imprensa (a partir de 1889). No entanto, a imprensa mineira e da maioria das províncias atingiram cada uma das quatro fases bem depois do período apresentado na classificação de Sodré (1999).

Minas não viveu a primeira fase (a imprensa colonial); teve seu primeiro jornal somente em outubro de 1823. A segunda fase (a imprensa publicista) teve, na Província, uma duração bem maior do que na classificação de Sodré (1999). Somente a partir 1885, com o surgimento de importantes diários em Juiz de Fora, as Gerais ultrapassaram o publicismo, e consolidaram seus jornais informativos. A quarta fase (a grande imprensa) só chegou a imprensa mineira em 1927, com a fundação do Diário da Manhã.

Isso mostra que as Minas oitocentistas viveram somente duas das quatro fases propostas por Sodré (1999) para a imprensa brasileira no século XIX. A primeira fase, não chegou a vivenciar por ter tido sua primeira publicação tardiamente. E a quarta fase só teve início em 1927. Por isso, pode-se dizer que a imprensa mineira só se consolidou no final da segunda década do século XX.

Quadro 1 – as quatro fases da imprensa mineira

Fases da imprensa mineira	Período	Características	Principal cidade
Imprensa colonial	1808-1822	Minas não viveu esta fase	
Imprensa publicista	1823-1885	Interiorização e fortalecimento do publicismo	Ouro Preto

Imprensa informativa e literária	1885-1927	Imprensa informativa consistente	Juiz de Fora
Grande imprensa	A partir de 1927	Surgimento do <i>Diário da Manhã</i>	Belo Horizonte

Fonte: SODRÉ (1999)

O primeiro exemplo de imprensa informativa mineira foi o Diário de Minas, em 1866, em Ouro Preto. No entanto, só em 1885, quando o *Pharol*, de Juiz de Fora, tornou-se diário, pode-se considerar que tenha iniciado a fase da imprensa informativa.

O Diário de Minas era um jornal que fugia do publicismo, ou seja, trazia as características do jornalismo informativo. Ele também tinha caráter empresarial, sendo a fonte de renda de seu proprietário J. F. Paula de Castro. Como a própria publicação conta em um editorial de 28 de março de 1878, o proprietário do Diário de Minas teve a ajuda do governo provincial, que então era ligado ao Partido Liberal, para comprar uma boa tipografia no Rio de Janeiro, em 1866. Segundo o diário, nas Gerais só havia dois prelos velhos e em péssimas condições, e tendo em vista a necessidade de se fazer as publicações oficiais, o governo provincial apoiou o empreendimento.

Com os novos equipamentos foi possível fazer um jornal em um formato bem maior dos que circulavam na Província. Assim começou a circular o Diário de Minas, com quatro páginas em formato standard diárias, que continham as seguintes seções: a Parte Oficial (que era paga), Diário de Minas (o editorial), Exterior (notícias internacionais, que eram tiradas de jornais do Rio de Janeiro, principalmente o *Jornal do Commercio*), Interior (notícias locais), Noticiário (notas e informações variadas), Publicações a Pedido (textos literários, cartas etc), Editais e Folhetim.

Era comum algumas seções ficarem de fora nas edições, assim como serem criadas outras. Também havia muitos anúncios, alguns bem trabalhados graficamente e com textos bastante apelativos. Eles ocupavam de uma a duas páginas, ou seja, grande parte do jornal, e eram em sua maioria de produtos farmacêuticos. Exemplos: “escova elétrica magnética” (que prometia curar várias enfermidades), “pílulas catárticas”, “o peitoral de cereja”, “salsaparrilha parisiense”, “xarope depurativo e anti-syphilitico de caroba”, “injection brou”, “ungento de Holloway”, “verdadeiro Le Roy de Signoret, doctor-médicin”, “confeitos depurativos”, “o mata-dolor vegetal”.

Com o decorrer do tempo ganhavam mais espaço os anúncios de compra e venda, além dos de escravos fugidos. Também surgiam esporadicamente anúncios de peças teatrais, perfumes (“o perfume da moda: água florida”), cosméticos (“o tônico oriental de kemp para cabelos”).

A primeira edição do jornal dedicou dois terços da 1ª e 2ª página para falar de seu compromisso liberal.

Órgão da ideia liberal, cuja bandeira se ergue no topo de seu prelo, esforçado lidador pela causa do progresso de seu País, entrega à aura da publicidade, o seu primeiro número, o Diário de Minas [...] A tarefa é atualmente difícil, digam os atuais timoneiros do Estado, que por

desgraça nossa são cobertos de baldões nessa viagem penosa que fazem a luz sinistra dos relâmpagos de uma próxima tormenta. Para devoção como essa o Diário terá sempre uma frase de animação.

No entanto, o jornal sempre se restringiu a trazer informações, além das publicações oficiais. O único espaço em que se posicionava era no editorial, que vinha na seção Diário de Minas, mas que não saía em todas as edições, e geralmente era bem curto. O jornal, que dependia da receita das publicações oficiais, sempre seguiu a linha de quem estava no poder. Provavelmente por isso, em sua parte informativa, as notícias internacionais tinham muito mais espaço e destaque que as locais e nacionais.

Com a mudança do governo provincial, em 1868, que passou a ter a frente o Partido Conservador, o jornal mudou sua linha política para continuar recebendo pelas publicações oficiais. No entanto, com a subida ao poder dos Liberais, em 1878, o jornal se viu em situação difícil. O governo provincial rescindiu o contrato com relação às publicações oficiais, um golpe de morte ao Diário de Minas.

Na edição de 16 de março de 1878, o jornal veio com inscrição Órgão do Partido Conservador, e um editorial em que contava sobre a rescisão do contrato.

Por ato da vice-presidência desta Província, datado de ontem, foi rescindido o contrato que tínhamos para a publicação dos atos oficiais, dando-se como fundamento “o não convir a publicação do mesmo, por não ter sido cumpridas fielmente algumas de suas cláusulas, como sejam a 2ª e a 7ª”. Torna-se porém notável que, tão sutil descoberta ou escavação só tivesse lugar depois que a esta capital chegou um prelo e mais pertenças mandado vir da Corte por quatro liberais que tomaram a peito a economia dos cofres públicos.

Depois disso o jornal não conseguiu mais manter sua periodicidade diária, apesar de continuar com a inscrição, no cabeçalho, “Condições: Publica-se diariamente, menos nos dias santificados ou festa nacional”. Os anúncios que já eram em número bem inferior de quando o jornal surgiu, agora se tornaram raros, aparecendo somente pequenos avisos. Na última edição, em 23 de abril de 1878, o jornal trazia apenas um anúncio oferecendo uma ama de leite: “aluga-se uma perfeita ama de leite, crioula, sadia, vigorosa com uma cria de quatro meses”.

Um editorial na edição de 28 de março de 1878 tenta justificar o motivo por que o Diário de Minas apoiou os conservadores. Ele falava que o proprietário do jornal não era político e sim um industrial, e que precisava fazer aquilo para cuidar de sua família. Foi quase um pedido de desculpa aos liberais.

A tipografia do Diário de Minas foi vendida, e os novos proprietários (entre eles, o intelectual e jornalista José Pedro Xavier da Veiga) criaram A Província de Minas, que circulou de 1879 e 1889. O novo jornal tinha o mesmo tamanho do seu antecessor, mas era de qualidade superior e trazia muito mais informações.

Na segunda metade do século XIX, o publicismo também teve importância, principalmente na luta republicana. A participação dos mineiros no movimento foi importante, e isso contribuiu para o florescimento dos jornais na região. A análise feita por Guerra Andrade e Hanriot (1990) sobre os jornais republicanos nas Gerais, no período de 1869-1889, mostra que boa parte da imprensa da Província apoiou o movimento antimonárquico. Dos 75 jornais que circularam no período estudado, 40 eram politicamente neutros, 12 liberais, 11 conservadores e 12 republicanos.

As autoras ressaltam que uma característica dos jornais republicanos era comemorar o 21 de abril (Inconfidência Mineira), enquanto os conservadores preferiam valorizar o 7 de setembro (Independência). Por isso, um jornal conservador adotou o nome 7 de setembro, apontando D. Pedro I como herói da Independência. Em resposta, os republicanos criaram uma publicação chamada 7 de Abril, em referência à abdicação do imperador.

Entre as 12 publicações republicanas, três se destacavam: O Jequitinhonha (Diamantina, região Norte), Colombo (Campanha, localizada no Sul) e Movimento (Ouro Preto, no centro da Província). O Jequitinhonha, que circulou de 1860 a 1873, em seus dez primeiros anos de vida seguia a linha política liberal. Somente após 1871, um mês depois do Manifesto Republicano, no Rio de Janeiro, o jornal passou a defender a república. Seus diretores são Joaquim Felício dos Santos (que também se destacou nas Minas como jurista e historiador) e seu sobrinho Antônio Felício dos Santos.

O jornal tem tom polêmico e sarcástico. Na publicação, destaca-se a coluna Páginas da história do Brasil, escritas no ano de 2.000. Nela, Joaquim Felício fazia críticas à monarquia através de um diálogo fictício entre um visconde e o imperador, que se passava no fim do segundo milênio. A coluna era semanal e terminou pouco antes do fechamento do Jequitinhonha.

O Colombo, que foi publicado de 1873 a 1875, em Campanha, no Sul das Minas, também ocupou uma posição de destaque na luta republicana. A figura de maior destaque no jornal era o poeta e jornalista Lúcio Menezes Furtado de Mendonça, que, apesar de fluminense, morava na cidade mineira. Ele era uma personalidade muito respeitada no País, tendo sido um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. No Colombo, ele escreve artigos críticos à monarquia, e também publica poemas, muitos com temas sociais, como: “Para as vítimas da seca do Nordeste” e “A revolução”.

O Partido Republicano do Sul de Minas era representado pelo periódico, que não fazia acordo com os liberais. É interessante e louvável o fato do jornal não aceitar a publicação de anúncios sobre escravos, sendo coerente com suas ideias abolicionistas. Ele parou de circular entre 1875 e 1877, por dificuldades financeiras. Mas em 1878 voltou em um formato maior, e com uma forte ligação com o jornal A República, do Rio de Janeiro.

O primeiro órgão oficial do Partido Republicano Mineiro, O Movimento, surgiu em 23 de janeiro de 1889, em Ouro Preto, pouco mais de seis meses após a criação do partido (que ocorreu em 4 de junho de 1888). Seu redator-chefe foi João Pinheiro da Silva, advogado e industrial, e a principal liderança republicana das Gerais.

O jornal foi muito bem recebido, e já nos seus primeiros anos de vida chegou a uma tiragem de 5 mil exemplares. O periódico teve muita ligação com os republicanos cariocas, e seu principal correspondente no Rio de Janeiro foi Aristides de Araújo Maia. A valorização dos operários era um diferencial importante do Movimento:

[...] a ideia social republicana é a ideia de emancipação dos proletários, tanto pelos acorrentados pelas algemas da ignorância, quanto das vítimas das desigualdades sociais e políticas. Difundir o ensino sob os auspícios da mais absoluta liberdade tanto científica

quanto administrativa, desenvolver pela aprendizagem o nível igualitário dos cidadãos, são exemplos dos fins do regime republicano (apud MOURA et al, 1990, p. 144).

A CONSOLIDAÇÃO DOS JORNAIS INFORMATIVOS

Em 1885, Juiz de Fora se consolidava como o grande centro da imprensa mineira. Neste ano começava a circular como diário o melhor jornal das Gerais do século XIX, o Pharol. Segundo Goodwin Júnior (1997), “nenhuma publicação exerceu tanta influência sobre a mentalidade dos habitantes juiz-foranos” (GOODWIN JÚNIOR, 1997, p. 196). No entanto, outras publicações de qualidade também surgiram competindo com o Pharol, e trazendo dinamismo ao jornalismo mineiro.

Com a influência do café e da industrialização, Juiz de Fora ganhou grande importância no final do século XIX, e conseguiu tomar o lugar de Ouro Preto como centro econômico e da imprensa da Província. “Durante largo período da história mineira, Juiz de Fora foi o centro de convergência dos interesses econômicos da Província e do Estado, e teve nítida ascendência política e cultural sobre as demais cidades das Gerais, incluindo-se Ouro Preto e, até 1930, Belo Horizonte” (OLIVEIRA, 1981, p.18).

Isso possibilitou que a cidade se tornasse, durante algumas décadas, o grande centro do jornalismo mineiro. Mesmo depois da mudança da capital para Belo Horizonte, Juiz de Fora continuou até 1928 como o principal centro da imprensa mineira.

O Pharol começou a circular em 11 de setembro de 1866, em Paraíba do Sul. Sabe-se que em 1870 ele já tinha Juiz de Fora como sua sede. Também em 1870, começou a circular O Imparcial, mas este durou apenas até o final do ano. Até 1874, o Pharol foi semanal. De 1874 a 1882, bissemanal. De 1882 a 1884, trissemanal. Só a partir de 1885 tornou-se diário. O jornal também constantemente sofria mudanças de orientação política.

De liberal, sob a orientação de Charles Dupin, passou a conservador em 1885, quando foi adquirido por Lindolfo de Assis, que o manteve até o fim de 1888. Em janeiro de 1889, passou a pertencer a José Braga, que lhe assumiu a chefia da redação e lhe imprimiu orientação imparcial. Durou pouco essa imparcialidade. Em junho de 1891, foi adquirido por uma sociedade anônima [...] que lhe deu orientação monarquista. E, sob a direção de Diogo Pereira de Vasconcelos e Bernardo José de Paula Aroueira, entrou a defender abertamente, a partir de 1895, a restauração da monarquia (OLIVEIRA, 1981, p. 17).

Para marcar a consolidação da imprensa mineira, tomo como referência o momento em que o Pharol tornou-se diário, tendo em vista a qualidade e a grande importância do periódico.

No século XIX, surgiram outros importantes diários em Juiz de Fora. Em junho de 1888, começou a circular o Diário de Minas¹, que contava com colonistas respeitados nacionalmente, como Raul Pompéia, Augusto de Lima, Raimundo Corrêa e Lúcio Mendonça. Goodwin Júnior (1997) considera que essa publicação

marca o início do movimento literário na cidade. No entanto, o jornal teve vida curta. Em 1889, foi incorporado ao *Pharol*.

Em abril de 1889, surgiu a *Gazeta da Tarde*², que gozou de grande popularidade na cidade e no Estado. Ela circulou até fevereiro de 1897. Em maio de 1894, foi fundado o *Correio de Minas*. Ele foi criado por um republicano apaixonado, Estevam de Oliveira. O jornal começou trissemanário, mas já em 1895 tornou-se diário. Teve vida longa, circulou até 1949.

Outro jornal de grande importância em Juiz de Fora, certamente o principal concorrente do *Pharol*, foi o *Jornal do Comércio*³. Era um jornal de qualidade, e na sua primeira página trazia a inscrição de que era o jornal de maior circulação no Estado. Oliveira (1981) diz que o jornal tinha “larga influência e passou pelas mãos de políticos importantes, como Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que liderou a política mineira muitos anos” (OLIVEIRA, 1981, p. 28).

BELO HORIZONTE: A NOVA CAPITAL

A nova capital mineira nasceu cercada de críticas e com pequena estrutura, mas já dava sinais de que seria o grande centro do jornalismo do Estado. Antes mesmo de ser inaugurada, em 12 de dezembro de 1897, cinco publicações já haviam sido criadas no local: *Bello Horizonte* (7 de setembro de 1895), *A Capital* (28 de janeiro de 1896), *Aurora* (15 de novembro de 1896), *Tiradentes* (21 de abril de 1897) e *Bohemio* (4 de julho de 1897).

Linhares (1903) mostra que, em 1902, apenas quatro anos após a fundação da capital, já haviam surgido na cidade 41 jornais e 8 revistas. Em 1900, circularam 14 jornais e três revistas. Alguns periódicos, como o *Minas Gerais* (órgão oficial do Estado, que circula até hoje), já existiam, só mudaram sua sede da antiga capital, Ouro Preto, para Belo Horizonte.

No entanto, eram publicações de vida muito efêmera. Ironicamente, Linhares (1995) diz que elas nasciam com um “mal de umbigo” e que havia uma “caveira de burro” enterrada no terreno da imprensa que não permitia que ultrapassassem o terceiro número.

Belo Horizonte só se tornaria o centro da imprensa mineira três décadas após sua fundação. A causa disso está no lento processo de povoamento e desenvolvimento da cidade. Diogo Vasconcelos, um dos críticos da construção da capital, chamava-a de “poeirópolis”.

Uma trova publicada no *Diário de Minas*, em 19 de abril de 1899, mostra esta realidade: “Entre o pó e a lama/ vive sempre a capital.../ bem Zé povo grita e clama:/ entre o pó e a lama/ nada arranja quem reclama:/ calçamento? quando? qual!/ Entre o pó e a lama,/ vive sempre a capital...” (apud CASTRO, 1997, p. 40).

Belo Horizonte não se tornou a principal cidade do Estado do dia para a noite. Foi um processo lento, e isto trouxe consequências para a imprensa mineira. Fez com que a grande imprensa demorasse a surgir nas Gerais. No entanto, apesar de sua pouca estrutura e da monotonia da vida cultural, ela surgia trazendo a esperança da chegada da modernidade no Estado.

A capital já nasce com uma missão: promover o progresso econômico e intelectual de Minas, projetando-a como a maior força política no

cenário nacional. Construindo-se sobre os escombros do mundo rural arcaico, ela deve introduzir o Estado no moderno universo urbano e industrial.(...) a ela cabe tornar possível o ideal da perfectibilidade dos povos; a ela cabe provar que o domínio da técnica conduzirá o homem a uma sociedade livre de mazelas e, sobretudo, desordens. (SIQUEIRA, 1997, p. 81)

Na década de 1910, Belo Horizonte já havia passado seus difíceis primeiros anos e estava mais estruturada. “A cidade se recupera das dificuldades em que se consumia” (SIQUEIRA, 1997, p. 93). Como mostra Siqueira (1997), a população da capital crescia rapidamente. Em 1901, eram 13.565 habitantes; e, em 1912, quase 40 mil pessoas moravam na cidade.

Por isso, surgiram publicações de melhor qualidade e que conseguiam valorizar o cotidiano da nova capital. Jornais como Diário da Tarde (1910), A Tarde (1912) e Estado de Minas⁴ (1912) traziam uma linguagem mais direta e clara e davam importância aos fatos locais.

Ao lado das seções de telegramas, que fizeram sucesso nos primeiros anos da cidade, das crônicas, dos folhetins e dos artigos de fundo – que residem, ainda que menos maçudos e já com uma forma similar aos editoriais de jornais mais modernos – o noticiário local cresce, abordando vários aspectos da vida da cidade explorando elementos do cotidiano, enriquecendo a pauta de assuntos tratados pela imprensa. (CASTRO, 1997, p. 41)

Siqueira (1997) também enfatiza a evolução dos jornais belo-horizontinos na década de 1910:

Por essa época, começam a se tornar frequentes, nas páginas dos jornais, as referências e queixas em relação aos problemas urbanos enfrentados pela população. Pouco a pouco, a matéria factual fica mais variada e numerosa, conferindo às folhas locais certo dinamismo e despertando maior interesse do público leitor [...] A partir de então, os jornais de maior sucesso são aqueles que dão atenção privilegiada ao noticiário (SIQUEIRA, 1997, p. 97).

Em 11 de novembro de 1826, surgiu o Correio Mineiro, considerado por Linhares⁵ (1995), Frieiro (1962), Castro (1997), Vaz (1997) e Siqueira (1997) como um grande marco da imprensa do Estado. Segundo eles, o jornal representava os sinais da modernidade na imprensa das Gerais.

[...] o jornalista Vítor Silveira lança a primeira edição do Correio Mineiro, abre-se o caminho para a modernização da imprensa, com a introdução de novas tecnologias e técnicas de produção e a adoção de um outro estilo, caracterizado pela vasta informação, numerosa publicidade e grandes tiragens (SIQUEIRA, 1997, p. 72).

O Correio Mineiro foi um periódico muito importante na história da imprensa de Belo Horizonte, mas ainda não pode ser considerado como um exemplo de “grande imprensa”, ou seja, de uma forte empresa jornalística. Isso só ocorre com o Diário da Manhã, em 1927. Frieiro (1962), Castro (1995) e Linhares (1995) também consideram que o jornal representa o início de uma nova fase da imprensa da capital. Eles não trabalharam com o conceito de “grande imprensa”, mas de

“imprensa moderna”. Mas a publicação já pode ser enquadrada como uma grande empresa jornalística, pela sua estrutura industrial, com equipamentos sofisticados, e por sua forma de produção bastante ousada. Por isso, adoto esta divisão proposta por estes historiadores da imprensa mineira para definir o momento do surgimento da “grande imprensa” no Estado.

Como diz Castro (1995):

Na memorialística da época, é aguda a percepção de que se inaugurava, na virada dos anos 20/30, uma nova fase na imprensa da capital. Neste sentido, são exemplares os textos relatando a movimentação que tomou conta da cidade com a chegada, pela Central do Brasil, da impressora “Marioni”, em 1927, para a fundação do Diário da Manhã (CASTRO, 1995, p.31).

Linhares (1995) confirma este fato:

Este foi o maior jornal de seu tempo e que aqui inaugurou a imprensa rigorosamente moderna. Ultrapassou a todos [...]. Sua fundação foi de um arrojo sem precedentes. Causou espanto e foi julgada como uma temeridade de seu proprietário, pois ninguém, por mais otimista que fosse, acreditaria que um jornal de tão dispendiosa aparelhagem material e técnica vencesse em nosso meio sem grandes prejuízos (p.250).

O Diário da Manhã nasceu em 14 de julho de 1927, criado por Augusto de Lima Jr. com uma proposta editorial inovadora, e com maquinário moderno para a época, utilizando rotativa e linotipos. Tinha seis páginas, tamanho 57 x 38,5 cm, e sete colunas de texto. Em seu primeiro número anunciou que sua tiragem era de 50 mil exemplares, o que era um grande exagero.

Mas, por ser de oposição, o jornal não conseguiu sobreviver. Por isso, Augusto de Lima Jr. vendeu a empresa para um grupo de jovens, entre os quais estavam Milton Campos e Pedro Aleixo. Estes, a partir de 7 de março de 1928, criaram O Estado de Minas, que pouco meses depois perdeu o “O”, passando a se chamar apenas Estado de Minas.

Em junho de 1929, o jornal foi comprado por Assis Chateaubriand e passou a integrar os Diários Associados, que na época possuíam dois diários no Rio de Janeiro e dois em São Paulo. O Estado de Minas tornou-se uma sociedade anônima, tendo Assis Chateaubriand como seu principal acionista.

O novo diário também representou a consolidação de Belo Horizonte como o centro da imprensa mineira. Além disso, deu continuidade à fase da “grande imprensa” em Minas. Segundo Sodré (1999), a grande imprensa surgiu no Brasil a partir da Proclamação da República, em 1889. De acordo com a avaliação de Sodré, pode-se dizer que Minas Gerais foi bastante tardia no desenvolvimento de sua imprensa, pois a grande imprensa surgiu nesse estado quase três décadas depois de estar presente nas principais unidades da federação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É muito interessante observar que Minas Gerais, apesar de sua importância econômica e política, principalmente no século XVIII e XIX, não teve destaque na

história da imprensa brasileira. A maior causa desse atraso está nas mudanças drásticas que a economia mineira viveu nos seus três séculos de existência.

A imprensa mineira teve um desenvolvimento atípico por causas dessas mudanças econômicas. No período oitocentista, Minas viveu seu apogeu, com a descoberta do ouro e diamantes. Vila Rica (que hoje se chama Ouro Preto) era um grande centro, com uma população maior que o Rio de Janeiro, que era a capital da colônia portuguesa nas Américas.

Depois, com o declínio da exploração do ouro, no século de XIX, Minas viveu uma grande crise. Principalmente, Vila Rica. Por isso, a imprensa que se concentrava na então capital da província entrou em crise.

No século XX, Juiz de Fora virou um grande centro econômico, graças a produção cafeeira e a indústria têxtil. Por isso, a imprensa se desenvolveu nesta região. Lá se consolidou a imprensa informativa. Belo Horizonte, que foi construída para ser a nova capital do Estado no final do século XIX, só se tornou o centro da imprensa mineira a partir da década de 1930.

Essas mudanças econômicas atrapalharam o desenvolvimento da imprensa mineira porque causavam interrupções no processo de consolidações dos jornais na região. Quando o Estado começa a ter jornais fortes em uma região, esta entrava em crise. A imprensa acaba tendo sempre que se reinventar.

The origin and consolidation of the informative press in Minas Gerais

ABSTRACT

A former province of Brazil, Minas Gerais had a delayed development in its informative journalism. Its first newspaper, *Diário de Minas*, was published in 1866, in Ouro Preto, the main town at the time. This news organ, which avoided publicism, was the first to be characterised as an entrepreneurial newspaper. In the beginning, it was identified as an official organ of Liberal Party. When the Conservative Party took the power, it started to represent this party. By the time the liberals returned to power, in 1878, the newspaper underwent a budget crisis. The informative press of Minas Gerais will consolidate only in 1885, with the creation of *Pharol*, in Juiz de Fora. From this moment, Juiz de Fora became the centre of journalism in Minas Gerais. As late as 1930, the new capital, Belo Horizonte, occupied this position, bringing up to Minas the era of the mainstream journalism.

KEYWORDS: History of journalism. Minas Gerais. Journalism in Minas Gerais. Informative journalism.

NOTAS

1 Este jornal não tem nenhuma relação com o *Diário de Minas* que circulou em Ouro Preto de 1866 a 1878.

2 De acordo com Oliveira (1981), o jornal foi o quarto diário e o segundo vespertino de Juiz de Fora.

3 De acordo com Oliveira (1981) o *Jornal do Comércio* foi o décimo diário da cidade.

4 Este jornal não tem relação com o diário Estado de Minas, que circula atualmente em Belo Horizonte, e é o periódico mineiro com maior tiragem.

5 Joaquim Nabuco Linhares, nascido em Ouro Preto em 1880, trouxe uma contribuição incalculável à história da imprensa mineira. Ele fez uma coleção dos jornais belo-horizontinos, de 1985 a 1954, que depois foi vendida a preço simbólico a UFMG, e redigiu os *Itinerários da Imprensa de Belo Horizonte: 1885-1954*, catalogando toda a coleção e trazendo muitas informações sobre cada periódico.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Maria Ceres Spínola; VAZ, Paulo Bernardo (orgs.). **Folhas do tempo: Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte (1985-1926)**. Belo Horizonte: UFMG; Associação Mineira de Imprensa; Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997.

CASTRO, Maria Ceres Spínola; VAZ, Paulo Bernardo (orgs.). Estudo crítico e nota biográfica. In: LINHARES, Joaquim Nabuco. **Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte: 1985-1954**. 1 ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. p.13-41.

FRIEIRO, Eduardo. Notas sobre a imprensa mineira. **Revista da Universidade de Minas Gerais**. Separata nº 12. Jan. 1962. p.64-83.

GOODWIN JÚNIOR, James William. A luz do progresso em Juiz de Fora: O jornal Pharol nas décadas de 1870-1880. In: **Rev. Varia História**. UFMG. n. 17. mar. 1997. p. 195-219.

GOODWIN JÚNIOR, James William. **A “Princesa de Minas”**: A construção de uma identidade pelas elites juizforanas (1850-1888). 1996. 230 f. Dissertação (Mestrado em História). UFMG, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte.

LINHARES, Joaquim Nabuco de. Imprensa em Belo Horizonte. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, ano VIII, 1903, p.585-614.

LINHARES, Joaquim Nabuco de. **Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte: 1985-1954**. 1 ed. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

MOURA, Antônio de P. e outros. O debate e a propaganda republicana na imprensa mineira - 1869/89. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, ano XXXVIII, 1990, p.131-257.

OLIVEIRA, Almir de. **A imprensa em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: s.e., 1981.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 4ª ed.

Recebido: 02 dez. 2016.

Aprovado: 20 dez. 2016.

DOI: 10.3895/rde.v7n11.5125

Como citar: MENDES, J.F. O nascimento e a consolidação da imprensa em Minas Gerais. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 7, n. 11, p. 1-13, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rde>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

